

Adriana Demite Stephani
(Organizadora)

Educação: Uma Nova Agenda para a Emancipação 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	Educação [recurso eletrônico] : uma nova agenda para a emancipação 2 / Organizadora Adriana Demite Stephani. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Educação. Uma Nova Agenda para a Emancipação; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-739-0 DOI 10.22533/at.ed.390192310 1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais. 3. Educação – Inclusão social. I. Stephani, Adriana Demite. II. Série. CDD 370.71
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A coleção “Educação: Uma Nova Agenda para a Emancipação 2” é um mosaico de abordagens, olhares e narrativas sobre a educação brasileira. De caráter *pluri*, é composta por 2 volumes contendo 23 artigos cada, reunindo ao todo 46 textos que discutem, refletem e apresentam práticas de pesquisadores e docentes de diferentes estados e instituições, tanto brasileiras quanto internacionais.

objetivo da obra é apresentar um panorama das diversas e importantes pesquisas pelo país a partir de inúmeros aspectos da educação, desde processos históricos de constituição, desafios, enfrentamentos e ações na/para a formação docente, perpassando por reflexões sobre a educação como instrumento para a formação crítica e como processo inclusivo, como também apresentando possibilidades reais de atuações em sala de aula através dos relatos das práticas docentes.

O volume I inicia com 6 artigos que refletem o perfil docente do Século XXI diante dos novos paradigmas para a formação de professores e as reais condições do exercício docente em nosso país, refletindo sobre aspectos curriculares e enfrentamentos nessa formação. A esses primeiros textos, seguem-se outros 3 textos que trazem um olhar também sobre o perfil, o papel e a importância de gestores e coordenadores na Educação Básica. E, a Educação Básica é linha condutora dos 13 demais artigos que exploram diferentes aspectos educacionais como a inserção de temáticas pouco exploradas em sala de aula, assim como, práticas docentes envolvendo diferentes ferramentas e explorando os recursos das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), a partir de pesquisas realizadas, como também através de relatos de trabalhos com jogos e oficinas em sala de aula.

Os 5 textos iniciais do Volume II abordam aspectos históricos da educação, trazendo pesquisas, apresentando processos históricos constituintes de espaços escolares e de processos de escolarização, tanto de educação básica como superior, que narram alguns momentos, entre tantos, da história da educação brasileira. Seguem-se a esses, outros 9 capítulos que possuem como linha conectiva a formação crítica e emancipadora através do processo educativo em diferentes frentes, espaços e abordagens teóricas. Os 8 capítulos restantes refletem sobre o processo de inclusão, os enfrentamentos da educação especial, a questão da saúde dos profissionais da educação, os dilemas da relação família-escola, a necessidade de escuta na educação infantil e a importância de reflexões sobre a sexualidade juvenil.

Essa diversidade de temáticas e pesquisas apresentadas na obra demonstra os múltiplos olhares e enfrentamentos da educação do país e a necessidade de aprofundamento e reflexão constantes.

Convidados o leitor para essa reflexão!

Adriana Demite Stephani

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO DO SERVIÇO SOCIAL NO BRASIL NO CAMPO DA EDUCAÇÃO NO PERÍODO DE 1930 A 2016	
Adriana Freire Pereira Férriz Ingrid Barbosa Silva Jakeline Gonçalves Bonifácio Sena Rosane dos Santos Sampaio	
DOI 10.22533/at.ed.3901923101	
CAPÍTULO 2	13
A REFORMA EDUCACIONAL SOB A ÓTICA NEOLIBERAL	
Elizangela Tiago da Maia	
DOI 10.22533/at.ed.3901923102	
CAPÍTULO 3	21
OS INSPETORES DA INSTRUÇÃO NA PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO	
Vinicius Teixeira Santos	
DOI 10.22533/at.ed.3901923103	
CAPÍTULO 4	33
O CONTEXTO HISTÓRICO DE EXPANSÃO DO CTISM: REFLEXÕES INICIAIS	
Talia Giacomini Tomazi Roselene Moreira Gomes Pommer	
DOI 10.22533/at.ed.3901923104	
CAPÍTULO 5	42
REFLEXÕES SOBRE ESCOLARIZAÇÃO E TRABALHO NA VIDA DE MENINAS E MULHERES BRASILEIRAS A PARTIR DO CURTA-METRAGEM VIDA MARIA	
Rodrigo Ribeiro de Oliveira Dagmar Silva Pinto de Castro Sueli Soares dos Santos Batista	
DOI 10.22533/at.ed.3901923105	
CAPÍTULO 6	52
A INTENCIONALIDADE DA FORMAÇÃO ESTÉTICA NA EDUCAÇÃO POR UMA EDUCAÇÃO CRÍTICA-LIBERTADORA	
Elna Pereira Nascimento Cres Nilo Agostini	
DOI 10.22533/at.ed.3901923106	
CAPÍTULO 7	61
CRITICIDADE: PRESSUPOSTOS ORIUNDOS DA OBRA DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU	
Letícia Maria Passos Corrêa Neiva Afonso Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.3901923107	

CAPÍTULO 8	75
CONCEPÇÃO LIBERALISTA DE LOCKE E O DIREITO À EDUCAÇÃO	
Thiago Rodrigues Moreira	
Raimundo Márcio Mota de Castro	
Juliane Prestes Meotti	
DOI 10.22533/at.ed.3901923108	
CAPÍTULO 9	86
CONFORMISMO SIMULADO: QUESTÃO DE ORDEM, DE SOBREVIVÊNCIA OU UMA SAÍDA POSSÍVEL EM TEMPOS RANÇOSOS?	
Enéas Machado	
Sandra Regina Trindade de Freitas Silva	
DOI 10.22533/at.ed.3901923109	
CAPÍTULO 10	95
EDUCAÇÃO EM ADORNO – POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO ESCOLAR PARA EMANCIPAÇÃO	
Mariano Luiz Sousa dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.39019231010	
CAPÍTULO 11	107
EDIFÍCIOS ESCOLARES VOLTADOS À EDUCAÇÃO EMANCIPADORA ORIENTADOS PELAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS E METODOLOGIAS ATIVAS	
Roberta Betania Ferreira Squaiella	
Roberto Righi	
DOI 10.22533/at.ed.39019231011	
CAPÍTULO 12	120
EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA: REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO DE INTERAÇÃO FORMAÇÃO-TÉCNICA	
Thiago Vieira Machado	
Anne Alilma Silva Souza Ferrete	
DOI 10.22533/at.ed.39019231012	
CAPÍTULO 13	131
EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA PARA A FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE: APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA COMO PROPÓSITO	
Lucila Ludmila Paula Gutierrez	
Paula Macarena Caballero Moyano	
Raphael Maciel da Silva Caballero	
DOI 10.22533/at.ed.39019231013	
CAPÍTULO 14	139
EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA: UM DIÁLOGO ENTRE O PENSAMENTO GRAMSCIANO NA FORMAÇÃO INTEGRAL COM A EDUCAÇÃO DA GRÉCIA ANTIGA	
Janiara de Lima Medeiros	
Ohana Gabi Marçal dos Passos	
DOI 10.22533/at.ed.39019231014	

CAPÍTULO 15	151
A INCLUSÃO DE CRIANÇAS DEFICIENTES NA ESCOLA PÚBLICA: O OLHAR DOS PROFESSORES DE DOIS MUNICÍPIOS DO INTERIOR DO ESPÍRITO SANTO	
Sandra Maria Guisso Charles Moura Netto	
DOI 10.22533/at.ed.39019231015	
CAPÍTULO 16	161
DEFICIÊNCIA VISUAL: DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA	
João Ricardo Melo Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.39019231016	
CAPÍTULO 17	168
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL	
João Ricardo Melo Figueiredo Eliana Leite Assis Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.39019231017	
CAPÍTULO 18	175
EDUCAÇÃO EM SAÚDE: EFICÁCIA DE UM ENSINO DE SUPORTE BÁSICO DE VIDA PARA PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO	
Caio Winch Janeiro Carolina Rodrigues Lopes Gustavo de Souza Andrade Lívia Mariana Lima Gava Murieli Fonsati Mázzaro César Antônio Franco Marinho Gustavo Navarro Betônico	
DOI 10.22533/at.ed.39019231018	
CAPÍTULO 19	182
ESCOLA X FAMÍLIA: UM DOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI	
Jenyfer Fernanda Almeida Andreia Aparecida Pontes Maria Elganei Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.39019231019	
CAPÍTULO 20	192
A ESCUTA DAS CRIANÇAS COMO UM PRINCÍPIO DA AÇÃO EDUCATIVA: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA UEIIA/UFSM	
Ana Carla Bayer da Silva Daniela Dal Ongaro Jovaneli Lara Xavier Siqueira da Rosa Juliana Goelzer	
DOI 10.22533/at.ed.39019231020	
CAPÍTULO 21	202
CONHECIMENTO SOBRE SEXUALIDADE DE ESTUDANTES ADOLESCENTES EM MUNICÍPIO RIBEIRINHO AO NORTE DO BRASIL: O QUE FOI COMPREENDIDO E O QUE AINDA NECESSITA SER APRIMORADO?	
Liliane Gonçalves de Araújo Darlene Teixeira Ferreira Gláucia Caroline Silva de Oliveira	

Aldemir Branco de Oliveira-Filho
DOI 10.22533/at.ed.39019231021

CAPÍTULO 22 213

O PARADIGMA DA “ATIVAÇÃO” DO ESTUDANTE E AS DEMANDAS POR UMA EDUCAÇÃO EM COMPASSO COM O SEU TEMPO

Bruno Gomes de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.39019231022

CAPÍTULO 23 225

CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE DEFORMAÇÃO UNIFORME EM MATERIAIS SOB STRESS

Otto Leonardo Gómez Huertas

DOI 10.22533/at.ed.39019231023

SOBRE A ORGANIZADORA..... 231

ÍNDICE REMISSIVO 232

DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL

João Ricardo Melo Figueiredo

Instituto Benjamin Constant – IBC

Rio de Janeiro – RJ

Eliana Leite Assis Figueiredo

Instituto Benjamin Constant – IBC

Rio de Janeiro – RJ

DEVELOPMENTO OF THE VISUALLY IMPAIRED CHILD

ABSTRACT: This text presents the developmental challenges of the visually impaired child. Initially, a family challenge is presented regarding the birth of a visually impaired child, overcoming the loss of an idealized child to face the difficulties with the present child. The needs of the child without the sense of sight or with the vision that is very compromised, the moment of early stimulation, the trajectory in early childhood education and the arrival at the moment of literacy are permeated. The challenges of this phase are posed. Finally, the text shows that with the necessary strategies and support it is possible to overcome the visual impairment.

KEYWORDS: Visual Disability; Inclusion; Special Education.

1 | INTRODUÇÃO

Ao olhar para as famílias ao nosso redor, observamos que inúmeras contam com crianças menores de sete anos de idade, o que gera nos pais grande expectativa de desenvolvimento, que em alguns casos, chega ao ridículo da competição, mais parecendo os pais como verdadeiros infantes. O que nos

RESUMO: Este texto apresenta os desafios do desenvolvimento da criança com deficiência visual. Inicialmente é apresentado desafio da família frente ao nascimento de uma criança com deficiência visual, a superação da perda de um filho idealizado para enfrentar as dificuldades com o filho presente. São perpassadas as necessidades da criança sem o sentido da visão ou com a visão muito comprometida, o momento da estimulação precoce a trajetória na educação infantil e a chegada ao momento da alfabetização. Os desafios desta fase são colocados. Por fim, o texto mostra que com as estratégias e o apoio necessário é possível superar a deficiência visual.

PALAVRAS-CHAVE: Deficiência Visual; Inclusão; Educação Especial.

interessa, contudo, é o fato de terem expectativas de desenvolvimento, crescimento, projeção de futuro para seus filhos. Mas e quando esta criança apresenta alguma deficiência? No nosso caso, quando é uma pessoa com deficiência visual?

Neste texto vamos discutir sobre o processo de desenvolvimento de uma criança com deficiência visual. Iniciaremos nossa abordagem pelos pais, chegando à criança e suas necessidades na primeira infância, na educação infantil e na consolidação da alfabetização.

2 | A FAMÍLIA E O INÍCIO DO DESENVOLVIMENTO

As famílias, ao elaborarem um filho, o fazem sem nenhuma deficiência. O surgimento de uma criança com deficiência gera novas realidades e diversas reações dentro do núcleo familiar, que terá de se reorganizar para dar conta da nova realidade, imposta e não desejada e que traz grandes dificuldades durante o período de reorganização familiar. O primeiro discurso dos familiares poderá ser o enfatizado por Franco:

O discurso da revolta, contra tudo e contra todos, é quase sempre a resposta inicial. Revolta dirigida contra médicos, profissionais de saúde, familiares ou amigos que algo fizeram (ou não fizeram), contra os que não parecem ou não ser suficientemente solidários ou empáticos. (Franco, 2015, p. 6)

Este momento de mudança, de transição, o luto de um filho que se foi, idealizado e muitas das vezes desejado, pode durar mais ou menos tempo, de acordo com a forma com que cada família ultrapassa pelo luto do filho sem deficiência. Após esta etapa, vem a aceitação e a luta pelo filho que precisa de auxílio e ajuda para superar as dificuldades vindas com a deficiência. Ressaltamos que nem sempre todos os entes da família terão a mesma forma e velocidade para absorver os entendimentos necessários e, assim, conseguir mudar de atitude para atender as necessidades da criança.

A informação de que a criança nasceu com deficiência chega, em muitos casos, após o parto. Ainda na maternidade muitas das crianças com deficiência visual congênita já são percebidas com anormalidades visuais, tendo que a família levá-las para atendimentos oftalmológicos com o objetivo de tratar a patologia de forma clínica e/ou cirúrgica. Algumas patologias, como a catarata congênita, por exemplo, devem ser tratadas cirurgicamente o mais breve possível, para garantir à criança melhores condições visuais o quanto antes. Esta deve ser uma preocupação das famílias e da equipe médica que assiste a criança, pois quanto melhor a condição visual, menor será a dificuldade de desenvolvimento.

Vale ressaltar, sem entrarmos de forma profunda no assunto, que a criança com deficiência visual pode ser cega, ter comprometimento severo da acuidade visual e/ou do campo visual, sendo este comprometimento do campo visual periférico ou central. De acordo com o desenvolvimento da patologia a criança será cega ou

terá os comprometimentos mencionados.

Os familiares precisam saber que a deficiência visual por si não impede o desenvolvimento de uma criança, mas também não o favorece. O comprometimento da visão, leva a dificuldades relacionadas a: orientação e mobilidade independente, interação com o meio ambiente, aquisição de conceitos, aquisição de habilidades manuais e acesso à palavra escrita. Todas podendo ser superadas se o indivíduo for assistido em suas necessidades desde cedo.

Sem a visão ou com resíduo visual muito baixa, a criança precisará ser atendida por profissionais especializados a fim de ser estimulada. A pessoa com deficiência visual não estimulada corre o risco de ter diversas dificuldades na fase adulta, como o desenvolvimento de maneirismos, insegurança e timidez.

Nosso desenvolvimento é baseado na visão: a relação do olhar do bebê com a mãe, o ato de querer pegar os objetos, o rolar no berço, o sentar e o próprio ato de andar são motivados pelo sentido da visão. Estamos inseridos em um mundo em que a visão tem grande papel em nosso desenvolvimento, conforme ressalta Sacks:

Nós que nascemos com a visão mal podemos imaginar tal confusão. Já que possuindo de nascença a totalidade dos sentidos e fazendo as correlações entre eles, um com o outro, criamos um mundo visível de início, um mundo de objetos, conceitos e sentidos visuais. Quando abrimos nossos olhos todas as manhãs damos de cara com um mundo que passamos a vida aprendendo a ver. O mundo não nos é dado: construímos nosso mundo através de experiência, classificação, memória e reconhecimento incessantes. (Sacks (1995, p.129)

Com este sentido comprometido, por completo ou quase que por completo, a criança precisa de estímulos para aprender a utilizar os sentidos remanescentes no seu processo de desenvolvimento. Ela vai precisar entender o seu corpo e suas potencialidades, entender-se como ser único, indivíduo. Todo este processo deve ser acompanhado pela família, para que em casa, durante todos os dias, o desenvolvimento infantil possa ser favorecido e garantido. De acordo com Vianna e Rodrigues:

(...) a maioria [das crianças] apresenta alterações e atrasos significativos no desenvolvimento nas seguintes áreas: motricidade; cognitiva; comunicação através da linguagem falada e contextualizada; adaptativa social, com tendência a um comportamento de isolamento e manifestação de movimentos estereotipados (maneirismos); independência, principalmente quando não adequadamente estimuladas. (Vianna e Rodrigues, 2008, p. 211)

Não é porque uma criança é cega ou tem baixa visão que ela não pode ser exposta ao ambiente, ser colocada no chão da sala de sua casa para brincar e explorar o espaço, participar dos encontros das famílias ou mesmo das festas de seus primos e primas. O processo de inclusão começa em casa, e vai ganhando espaço, conforme a criança se desenvolve, de acordo com a aceitação por sua própria família.

Infelizmente nossas escolas de educação infantil ainda não estão preparadas para oferecerem às crianças com deficiência visual os estímulos que precisam.

Quando conseguem ter acesso a este tipo de atendimento ele ocorre em locais especializados, longe do ambiente escolar. A estimulação precoce é fundamental para o desenvolvimento das crianças com deficiência visual. Nas palavras de Vianna e Rodrigues:

Sob o enfoque educativo, é de fundamental importância a detecção precoce da deficiência visual com atenção especial ao desenvolvimento global da criança. De acordo com a avaliação do desenvolvimento, tendo em vista as áreas mencionadas anteriormente, são estabelecidas condutas de forma a atender as necessidades e especificidades de cada caso através da prática da Estimulação precoce. Algumas crianças se beneficiam apenas com uma intervenção mais sutil, no intuito de prevenir desvios e futuras lacunas no desenvolvimento; outras necessitam de condutas mais ostensivas, visando recuperar ou minimizar desvios já instalados, secundários à deficiência visual. Mas todos os casos, sem dúvida, requerem orientação e envolvimento das respectivas famílias. (Vianna e Rodrigues, 2008, p. 211)

Não nos restão dúvidas de que este é o primeiro passo para a garantia de um indivíduo pleno no futuro. Após este momento ou paralelamente a ele, a criança chega à escola, na educação infantil, serão diversos desafios a enfrentar.

3 | A CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Em nossa sociedade a educação infantil está sedimentada no campo jurídico, destacamos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/Lei nº 9.394/96), que apresentava critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças; os Parâmetros Nacionais de Qualidade em Educação Infantil (Brasil, 2006a); a Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de 0 a 6 anos à educação (Brasil, 2006b); a Lei 11.276/06 que alterou a redação dos artigos 29,3032 e 87 da LDB. Tais documentos garantem e reconhecem o espaço da educação infantil, para todas as crianças, independente de sua situação.

A educação infantil é a fase mais importante do desenvolvimento do ser humano. As raízes de nossa formação estão nos anos que passamos na escola de educação infantil. As crianças com deficiência visual, quando conseguem entrar na escola, na educação infantil, acabam sendo tratadas como as crianças sem deficiência, em muitos casos, não sendo preparadas em suas necessidades para que possam desenvolver-se com plenitude, dentro de sua realidade de pessoa com deficiência visual, cega ou com baixa visão.

Para a criança com deficiência visual é fundamental o trabalho corporal, a fim de que ela reconheça a potencialidade de seu corpo, possa aprender a utilizá-lo com plenitude e a ter nele o instrumento que vai substituir a visão, em muitos casos. O corpo é o instrumento de aprendizagem e de experiências. As experiências são fundamentais para que a aprendizagem possa ocorrer, não pelas palavras de um interlocutor, mas vivenciadas pelo próprio ser em desenvolvimento. Sobre esta relação com o corpo recorreremos a Correia:

O corpo do indivíduo é o meio por onde circulam e são agenciados, em sua relação com o mundo, os sentidos destas configurações. É a condição do indivíduo experienciar, criar vínculos, deslocar-se e elaborar os significados em sua relação com o mundo. As sensibilidades individuais seriam, então, as percepções e interpretações dos sentidos compartilhados, tendo o corpo o papel de efetivação do indivíduo no mundo. (Correia, 2007, p.203)

Durante a educação infantil a criança vai entrar em contato com as primeiras noções de orientação e mobilidade, aprendendo a rastrear os ambientes, a fim de iniciar um processo de locomoção com segurança.

As atividades da vida diárias devem fazer parte do processo de desenvolvimento da criança, aprendendo a realizar as diversas atividades do seu dia-a-dia, desde atividades simples, como colocar roupa, até atividades mais complexas, conforme torne-se madura para este fim.

A adoção de recursos não-ópticos, ou seja, os que não utilizam-se de lentes, deve ser observada pela escola, como o uso de materiais com desenhos e gravuras ampliadas, se a criança tem algum resíduo visual, ou a utilização de diferentes texturas, se a criança for cega. O uso de diferentes texturas pela criança cega favorece o desenvolvimento do tato, que deverá ser trabalhado para que depois a criança possa começar a ler no Sistema Braille.

Se possuir resíduo visual, a observação ao uso de contrastes e melhor iluminação devem fazer parte da rotina da escola. Uma criança com um resíduo visual baixo, que precisa ser trabalhado, dentro de uma escola voltada para pessoas com visão normal, com grandes apelos visuais, pode ter grandes confusões por conta do excesso de cores e formas, se considerarmos a realidade perceptiva para uma criança com baixo resíduo visual.

Vencidas as dificuldades chegamos ao início da alfabetização, fase de grande atenção, de descobertas e novos desafios para a criança com deficiência da visão.

4 | A CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL NA ALFABETIZAÇÃO

Na alfabetização passamos a ter duas abordagens bem distintas: a primeira voltada para a criança cega, na qual ela terá de aprender o Sistema Braille. Neste caso, se já passou por todo um trabalho de desenvolvimento corporal, se já tem seu tato desenvolvido, vai ter apenas de aprender o código, desde técnicas de pré-braille, o uso do instrumental, até o processo de leitura e escrita, propriamente dito. Infelizmente as crianças cegas incluídas em nosso país acabam sendo alfabetizadas, via de regra, no atendimento educacional especializado, por falta de conhecimento do professor regente do Sistema Braille e das necessidades do aluno cego.

O aluno com baixa visão precisa ter acesso à informação visual em um formato que consiga ler, no tamanho de fonte, com o contraste correto, de modo a atender suas necessidades. Como a visão é uma função aprendida, é comum que o aluno inicie o processo com formas mais grosseiras e termine com formas mais finas,

conforme vai refinando seu aparato visual. Este é um processo a ser construído, em uma relação dialógica com o professor, que também em muitos casos, acaba ocorrendo apenas com o professor do atendimento educacional especializado, o qual leva tempo para acontecer, dependendo de fatores de desenvolvimento do indivíduo.

É importante mencionarmos que uma criança precisa desenvolver-se de forma plena, tendo condições de criar, e de construir seu imaginário. Isto só será possível por meio da aprendizagem e da vivência de diferentes experiências, assim como a família, a escola precisa facilitar as experiências para a criança com deficiência visual. Estas passam pelos sentidos remanescentes e são reconhecidas pelo indivíduo através de seu corpo, como agente de aprendizagem.

O indivíduo vivencia e aprende os sentidos a compartilhar nas ações, nos gestos, nas gerências dos conteúdos simbólicos pela expressividade e perceptividade do corpo. Tais sentidos e expressões o localizam e orientam socialmente, assim como revelam as tensões e as processualidades das configurações sociais. (Correia, 2007, p. 203)

O aluno com deficiência visual vai ter algumas dificuldades no processo de alfabetização como: discriminação de detalhes, tanto de forma tátil como de forma visual, quando for o caso; organização e estruturação do espaço, habilidade manual, leitura lenta e destacamos ainda a coordenação visomotora para os alunos com baixa visão. Todas estas dificuldades podem ser superadas por meio do trabalho conjugado da escola, da família e do indivíduo em formação.

É fundamental que a escola esteja pronta para receber este aluno, pois o processo de inclusão só vai acontecer se o aluno com deficiência fizer parte do dia-a-dia da escola. Este processo não deve envolver apenas o professor ou o professor da educação especial, mas toda comunidade escolar.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento de uma criança com deficiência visual depende de um processo de engajamento de seus familiares e de continuidade deste pelo ambiente escolar.

A família vai dar o suporte inicial e buscar os meios para o melhor crescimento da criança, mas a escola vai garantir o crescimento, o desenvolvimento e a constituição deste ser em um cidadão. Por este motivo a importância de cada etapa bem vivida e bem estruturada. Falhas no caminho podem deixar lacunas irreversíveis no desenvolvimento da pessoa com deficiência visual, gerando, em muitos casos, pessoas com dificuldades sociais imensas.

O objetivo do desenvolvimento é o alcance da plenitude, não impossível para a pessoa com deficiência visual, mas muitas das vezes negada pela negligência de entes que deveriam exercer papéis que não foram capazes de executar durante a

caminhada de determinado indivíduo.

A participação plena da família, com a continuidade pela escola, gera, para a pessoa com deficiência visual condição de desenvolvimento total, dentro das limitações impostas pela deficiência, mas com certeza de autonomia e independência. Com isto, o fundamental é dar condições para que as crianças possam aprender e crescer, para tornarem-se protagonistas de suas histórias, deixando para traz a competição pueril de seus pais e familiares, buscando de fato a sua felicidade e sua posição dentro da sociedade.

REFERÊNCIAS

AMIRALIAN, Moraes Toledo. **Compreendendo o Cego**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

_____. **O Psicólogo e as Pessoas com Deficiência Visual**. IN: MASINI, E. F. S. **Sentido, pelos Sentidos, para os Sentidos: Sentidos das Pessoas com Deficiência Sensorial**. Niterói: Intertexto, 2002

BRUNO< M. M. Garcia. **O Significado da Deficiência Visual na Vida Cotidiana: análise das representações dos pais-alunos-professores**. Campo Grande – MS, Faculdade Católica Dom Bosco, 1999, 158 fls. Mimeo. Dissertação de Mestrado

_____. **Alfabetização de Alunos com Baixa Visão Significativa: algumas reflexões sobre o potencial visual, o processo de aprendizagem e o Sistema Braille**. IN: **Anais do Primeiro Simpósio Brasileiro sobre o Sistema Braille**. São Paulo: Rede Saci, 2003.

BRASIL (2006a). Ministério da Educação. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB.

BRASIL (2006b). **Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de 0 a 6 anos à educação**. Brasília: MEC, SEB.

CAIADO, K. R. M. **Aluno Deficiente Visual na Escola: lembranças e depoimentos**. Campinas, SP: Autores Associados, PUC, 2003.

CORREIA, L. G. P. S. **A Pupila dos Cegos é seu Corpo Inteiro: compreendendo a sensibilidade de indivíduos cegos através de suas narrativas**. Tese (Doutorado em Antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FRANCO, V. **Paixã-dor-paixão: phatos, luto e melancolia no nascimento da criança com deficiência**. Ver. *Jatinoam.psycopatol,fundam*. Vol 18, nº2. São Paulo: junho 2015.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARTÍN, M. B.; BUENO, S. T. **Deficiência Visual: Aspectos Psicoevolutivos e Educacionais**. São Paulo: Santos, 2003.

MASINI E. F. S. **O Perceber e o Relacionar-se do Deficiente Visual**. Brasília: Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994.

SACKS, Oliver. **Um Antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais**. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

VIANNA, P. M. da M.; RODRIGUES, M. R. C. **Psicologia do Desenvolvimento e da Linguagem do Deficiente Visual**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2008.

SOBRE A ORGANIZADORA

ADRIANA DEMITE STEPHANI - Possui Licenciatura em Letras e Pedagogia. Especialista em Língua Portuguesa: Métodos e Técnicas de Produção de Textos. Mestrado e Doutorado em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente é docente (Adjunto III) do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins, em Arraias, e do Programa de Pós-graduação em Letras da UFT/Porto Nacional. Tem experiência na área de Letras e Pedagogia com ênfase em Ensino de Língua e Literatura e outras Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, Letramentos, Arte e ensino, Arte Literária, Literatura e ensino, Literatura e recepção, Literatura e outras Artes, Leitura e formação, Leitura e Escrita Acadêmica e Literatura infanto-juvenil. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Literatura, Ensino e Recepção (LER), em parceria com docentes da UEG e UnB. Avaliadora do Inep/MEC de cursos de Letras e Pedagogia.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem 10, 26, 30, 58, 59, 91, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 116, 117, 118, 119, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 142, 153, 154, 156, 157, 159, 160, 161, 167, 171, 173, 174, 182, 183, 184, 185, 186, 189, 190, 195, 199, 213, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225
Aprendizagem ativa 111, 213, 214, 220, 221, 223
Arquitetura escolar 107, 109, 119

B

BNCC 139, 140

C

Campo 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 29, 31, 35, 40, 43, 44, 48, 50, 70, 86, 88, 89, 90, 93, 97, 121, 132, 134, 141, 163, 167, 169, 171, 174, 183, 184, 187, 208, 213
Conformismo simulado 86, 92
Consciência verdadeira 95, 96, 97, 100, 102, 105, 106
Críticidade 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73
Curta-metragem Vida Maria 42

D

Deeper learning 213, 214, 220, 221, 222, 223
Deficiência 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174
Deficiência visual 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174

E

Educação em saúde 134, 137, 175, 176
Educação escolar 52, 74, 95, 96, 103, 104, 105, 139, 140, 141, 144, 145, 146, 152, 189
Educação especial 4, 7, 152, 160, 161, 165, 168, 173, 194, 195
Educação infantil 4, 7, 20, 96, 103, 115, 116, 165, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200
Educação profissional 4, 7, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41
Emancipação 3, 50, 53, 54, 62, 66, 68, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 111, 120, 125, 128, 130, 134, 144, 149
Ensino de filosofia 61, 62, 68, 70, 71, 73, 74
Ensino híbrido 107
Esclarecimento 55, 59, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 120, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130
Escolarização 5, 10, 18, 23, 42, 44, 47
Escuta 134, 164, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 200

Estado 3, 4, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 23, 24, 25, 28, 29, 30, 34, 37, 43, 44, 56, 61, 63, 66, 67, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 93, 103, 105, 122, 124, 141, 145, 162, 194, 204, 212, 215, 217, 221

F

Família 4, 45, 79, 96, 100, 101, 102, 103, 104, 125, 143, 151, 154, 157, 158, 159, 160, 165, 168, 169, 170, 173, 174, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 200, 203, 211, 212, 217

Formação cultural 95, 96, 98, 99, 102, 104, 105, 106, 120, 125, 126, 129

Formação estética 52, 54, 55

Formação humana 37, 39, 58, 61, 62, 65, 66, 72, 74, 105, 121, 139, 141, 143, 145, 146, 149

G

Gênero 6, 23, 29, 30, 31, 42, 44, 46, 47, 48, 50, 51, 65, 82, 211

H

Homem integral 52, 57

I

Inclusão 3, 54, 59, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 173

Inspeção eficaz 21, 23, 25, 26, 30

Inspetores da instrução 21, 27, 28, 30

Instrução popular 21, 24

Inteligências múltiplas 107, 109, 110, 111, 113, 117, 119

Interdisciplinaridade 139, 141, 146, 147, 148, 149, 150

J

Jean-Jacques Rousseau 61, 62, 63, 65, 68, 74

L

Liberalismo 15, 16, 75, 76, 77, 79, 84

Locke 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 122, 124, 130

M

Metodologias ativas 107, 109, 110, 111, 112, 117, 119, 137, 220, 221

N

Neoliberalismo 13, 15, 16, 60

P

Paideia 123, 130, 139, 140, 147, 148, 149, 150

Participação 15, 18, 86, 100, 115, 134, 136, 147, 151, 157, 159, 174, 182, 183, 184, 187, 188, 189, 190, 211

Política de educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12

Políticas neoliberais 33

Precarização 35, 40, 86, 87, 88, 89, 91

Primeiros socorros 175, 176, 177, 178, 180

Produção do conhecimento 1, 2, 5, 10, 11

Professores 19, 27, 29, 31, 38, 73, 92, 93, 94, 103, 104, 112, 113, 114, 115, 118, 134, 136, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 167, 174, 175, 177, 184, 185, 186, 187, 188, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 212, 220, 231

Profissionais da saúde 131, 133

Profissionalização 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94

R

Redesenho do espaço escolar 107

Reforma 13, 17, 20, 41, 66, 88, 112, 113

S

Serviço social 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12

Sociedade da aprendizagem 213, 214, 216, 217

Suporte básico de vida 175, 176, 177, 181

T

Trabalho 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 16, 17, 19, 20, 22, 24, 25, 33, 35, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 51, 70, 71, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 96, 97, 100, 101, 103, 104, 105, 111, 113, 115, 118, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 163, 165, 166, 167, 171, 172, 173, 182, 183, 184, 187, 188, 189, 190, 192, 194, 196, 197, 198, 199, 212, 213, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 223

Trabalho pedagógico 192, 194, 196, 197, 198

V

Vida escolar 182, 185, 187, 189

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-739-0



9 788572 477390